

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64. onde se subscreve a 4.000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

O Echo tem de dar hoje os parabens aos seus leitores e a todos os Brasileiros pelas importantes noticias vindas do Rio Grande do Sul. Desde 1835 (oito annos fazem exactamente no momento em que escrevemos este nosso artigo) tinha a anarchia levantado o collo naquella tão bella, quão infeliz provincia: encapotados os caudilhos a principio com frivolos pretextos, logo depozeram as mascaras, e empunhando as armas declararam que nada mais queriam do imperio, e se farmaram em uma cousa que li chamaram republica, por que este nome era sonoro a seus ouvidos, mas que, como depois mostraram, não sabiam o que queria dizer. Desde entao até hoje tem durado a luta, não por capacidade dos rebeldes, mas, força é dizel-o, por incapacidade nossa; por que se alguns momentos de luz tinham brillado neste espaço de tempo, em breve os negocios do Rio Grande recahiam cada vez em mais terrivel cegueira. Fôra longo e mesmo escusado expender aqui mudamente os successos dessa luta, e os individuos e as causas, que por tanto tempo a prolongaram; mas, na ilha do Fanfa esteve ella acabada, levou grave golpe quando o marechal Elesiario fez descercar Porto Alegre; estava moribunda quando o general Andréa deixou a provincia do Rio Grande: mas em todas essas vezes reapareceu, e talvez mais formidavel, que antes.

Mulavam-se generaes, mandavam-se continuamente reforços de homens; as letras sobre o thesouro choviam; as sommas destinadas para a compra de cavallos eram enormes: e não se fazia a guerra, por milhares de pretextos; e quando outro não havia a que recorrer, faltavam cavallos! Em quanto Porto Alegre esteve cercado, não podiamos ter cavallos, por que não havia, onde os conservar; descerque-se Porto Alegre, diziam, e teremos todo o importantissimo terreno desde a Laguna até o norte, cuja pastaria é da melhor qualidade; é ahi que os rebeldes engordam seus cavallos. Descerrou-se Porto Alegre, mas os pastos desses logares não prestaram mais; era necessario que fossem os rebel-

des lançados para além do Rio Pardo, a fim de termos a cavallada nos campos intermedios. E os rebeldes abandonaram o terreno á quem do Rio Pardo, e os pastos desses logares não prestaram mais, e finalmente nunca havia cavallos, nem meios de os obter, nem meios de os conservar! Mais de um anno tivemos uma divisão de mais de seis mil homens sem dar um passo por falta de cavallos! Outras vezes não se entrava em operações, por que o inverno o não permittia! Debalde se dizia que em outro tempo se fez a guerra no Rio Grande, no coraço do inverno: parece que ou as cousas, ou os homens tinham mudado.

Mas em fim houve vontade decidida: e um só homem mudou a face das cousas. O general barão de Caxias foi mandado pelo ministerio de março; e o ministerio de janeiro o tem conservado: e os cavallos tem apparecido aos milhares, e a guerra tem continuado mesmo no coraço do inverno, e os rebeldes tem constantemente sido vencidos: e vão hoje em debandada para a Cisplatina.

E' esta a feliz noticia que damos a nossos leitores. Esse intitulado governo republicano do Rio Grande deixou de pisar o solo Brasileiro: lá fugiu. Essas brilhantes estrellas do sul eclipsaram-se: o joven guerreiro evaporou-se. Não ha mais na provincia do Rio Grande um chefe rebelde; não ha mais um corpo organizado: tudo fugiu. Ainda ha pequenas partidas ou quadrilhas, que por muito tempo nos hão de incommodar; mas acontece isso na divisa de todos os Estados.

Parabens, Brasileiros! Mesmo que a guerra ainda tenha de continuar por algum tempo, parabens! O territorio brasileiro não é hoje manchado com a presença da rebellião: as forças da monarchia obrigaram essas desgraçadas hordas a ir procurar refugio em paiz estranho. Provavel é que tornem outra vez a entrar em nosso territorio, por que desgraçadamente no paiz visinho não só não ha meios de desarmal-os, como antes lhes davam toda a sorte de soccorros: brevemente pois terão cavallos, roupas, armas e munições de toda a especie: e em uma fronteira immensa e aberta facil lhes será fazerem



2. 956
52

novas incursões ; mas que differença encontrarão ? Hoje se lhes pôde organizar resistencia ; e nossas forças estacionadas em diferentes logares poderão immediatamente correr , onde forem precisas.

Os rebeldes foram para o Estado Oriental : o que fará delles o governo desse Estado ? desarmal-os-ha ? obrigar-os-ha a se recolherem para o interior , de modo , que não possam voltar com facilidade ? E se o não fizer , que medidas tomará o governo Brasileiro ? Perseguirá os rebeldes no territorio visinho ? obrigará directamente o governo desse Estado ? E que consequencias podem resultar dali ?

As circumstancias de Montevideo são hoje delicadissimas : e o Brasil carece de toda a cautela em suas negociações com e a respeito dessa nação. Os politicos das esquinas facilmente decidem tudo ; mas o homem , que pensa , olha para o futuro , e conhece os embaraços , que podem sobrevir. Em outro numero trataremos desta materia.

SANGRIA NA SAUDE.

Tratando de um projecto , que o Sr. Vasconcellos apresentou no senado , para que nos artigos do codigo criminal , que tratam dos crimes de rebelião e sedição se suprima a palavra cabeças , e discorrendo em these , dissemos que aquelles que a pretexto de opiniões politicas roubaram e mataram , devem ser severamente punidos , sem a methaphysica distincção de cabeças e não cabeças. O contemporaneo do *Nacional* tomou a carapuça pelos acontecimentos de Minas e S. Paulo no anno passado , e zanga-se muito com nosco. Não era melhor que o contemporaneo tomasse nossas palavras ao pé da letra , e deixasse dormir quem dorme. Dissemos muito claramente , que o projecto do Sr. Vasconcellos tinha a grande vantagem de não mecher com o passado , por que não era interpretação ; e por tanto os rebeldes de Minas e S. Paulo não ficam comprehendidos na nova lei , antes devem ser julgados pela maneira por que ultimamente está sendo entendido o codigo criminal ; mas isto não agradou ao adversario ; quiz suscitar uma polemica , que por bem do paiz não queriamos mais aventar ; por que cuidamos muito do presente e futuro ; mas do preterito só nos lembramos por lição , e não para azedar animos ; que lhe havemos de fazer ? deixar passar as falsidades do collega sem resposta ?

Para isto seria preciso que dali não resultasse o menor mal ; e assim o não entendemos ; seria preciso , que não fossemos formalmente desafiado ; e o fomos.

Diz o collega : ahi estão as paginas do *Itacolomy* onde se tem mostrado que em Minas só commetteram roubos e assassinatos os defensores da legalidade. A autoridade que o contemporaneo nos aponta é demasiadamente fraca , para que lhe demos credito : era preciso alguma de mais peso. Ainda que nem a razão nem os factos fallassem , duvidariamos muito das asserções do *Itacolomy* ; mas os factos e

a razão fallam , e por isso credito nenhum podemos dar á testemunha do *Nacional*.

Grande numero das tropas , que entraram em S. Paulo e Minas eram tropas de linha , por consequencia disciplinadas , e sujeitas a rigorosas penas : as guardas nacionaes foram geralmente subordinadas a chefes de primeira linha costumados a ser obedecidos. Os rebeldes de Minas e S. Paulo eram alguns guardas nacionaes e muitos paisanos sem disciplina alguma , commandados por individuos , que não estão costumados a mandar nem a ser mandados militarmente : quaes pois commetteriam maior numero de desmandamentos ? E' preciso ser cego de entendimento e vontade para suppôr que as tropas da legalidade , ou antes os defensores do throno em todas as suas prerogativas commettessem excessos , e não os commettessem esses desgraçados , que ousaram empunhar as armas para privar a corôa do exercicio dos poderes , que a constituição lhe outorga. Entre os rebeldes de Minas e S. Paulo figuraram homens incapazes de por si commetterem desacatos ; mas figuraram tambem as feses das duas provincias , e não havia entre elles quem os podesse conter.

Mas , deixemos raciocinios : fallemos em factos. Diz o collega , que a casa em que foi preso o Sr. Ottoni foi roubada : dizemos-lhe que é falso , falso , mil vezes falso. O Sr. Ottoni foi preso pelo mui digno commandante do batalhão de guardas nacionaes de Magé o Sr. Guilherme Pinto de Magalhães ; e esse illustre cidadão deu logo todas as providencias para que nem o Sr. Ottoni , nem a casa soffresse o menos , que fosse : e suas providencias foram aprovadas e augmentadas com outras pelo digno general da força , barão de Caxias , que presente se achou logo ; por que um e outro receberam que depois de um dia de combate , soldados embriagados com a victoria podessem menos respeitar aquelle , que consideravam como um dos principaes autores da rebelião , que sempre fez alarde de seus sentimentos antimonarchicos , e que tinha commandado a acção daquelle dia. E' falso o que diz o collega.

Mas perguntaremos ao contemporaneo : é falso , que fôsse queimada a ponte do Parahybuna ? Este facto só é nada mais. E' falso ? E se não é falso , como vos quereis apresentar ahi como pombas sem fel ? E' de certo audacia sem limite. E' preciso suppor que todos perdemos a memoria de cousas , que se passaram ha pouco mais de um anno , e de que ainda se conservam tantos vestigios. Dizei que mal vos fazia essa tão bella , como infeliz ponte ? Pois se incendiastes aquillo que mal nenhum vos fazia , se assim roubastes em pura perda tantos contos de réis , não quereis que se vol-o diga , e ainda ousais innocentar-vos ?

Este facto basta ; mas se o collega quizer , outros muitos lhe apresentaremos , que talvez não saiba , mas que nós sabemos : factos bem vergonhosos na historia de uma nação , que se diz civilisada ; factos

attestados por testemunhas dignas de todo o respeito, e documentados: mas por hoje paremos aqui. Repetimos: quem mata, rouba, queima, estupra, &c. &c., deve ser punido, embora se queira acobertar com o manto das opiniões politicas.

O QUE SERIA?

Tratava-se da aposentadoria concedida ultimamente pelo governo a tres desembargadores, e por esta occasião se fallou do acordão da Relação de Pernambuco, que mandou soltar os réos do assassinato do presidente do Ceará, que tendo sido condemnados pelo jury, haviam recorrido para ella. Disseram os Srs. Nunes Machado e Urbano, que a Relação o podia fazer. Mostrou-se-lhes que o código apenas autorisa as relações para mandar o processo a novo jury, quando tiver havido nullidade, ou applicar a verdadeira pena, quando a applicação do presidente do jury não seja a que deva ser. Responderam aquelles Srs., que o podia fazer por *Habeas corpus*. Disseram-o por ignorancia ou por má fé? O que seria?

A Relação de Pernambuco mandou pôr em liberdade aquelles réus absolvendo-os: e por ventura é isto *Habeas corpus*? pois aquelles dous Srs. sendo jurisconsultos não sabem quaes são os effeitos do *Habeas corpus*? Qualquer procurador de causas lhes poderia dizer, que os effeitos do *Habeas corpus* são restituir á liberdade aquelle, que se acha injustamente detido, porem nunca absolver do processo, que continua até que o paciente seja absolvido por sentença. E se a sentença for condemnatoria, o paciente, aliás já livre em razão do *Habeas corpus*, tem de voltar á prisão. Aqui poremos um exemplo. Preso um individuo, é pronunciado, mas com nullidade na formação da culpa: requer *Habeas corpus*, e lhe é concedido, sendo restituído á liberdade. Vai o processo ao jury, este condemna: appella o réu para a Relação, que supponmos ter concedido o *Habeas corpus*: esta não encontrando nullidades no processo desde que sahio do juizo formador da culpa, tem de confirmar o processo, e lá vai o réu para a cadeia, tendo de recorrer ao supremo tribunal para este lhe dar a revista, e decidir outra Relação, que o processo foi nullo desde seu principio. Aqui temos um réu mandado prender pela Relação, que o mandou soltar, e em virtude do mesmo processo, que ella achou nullo.

E o Sr. Nunes Machado e o Sr. Urbano não saberiam estas cousas? Pois, meus Srs., se o não sabem, são muito ignorantes; e se o sabem, tem muita má fé. Bem vemos, que qualquer dos lados do dilemma é bastante odioso; mas não temos remedio para dar-lhe.

O que faz defender uma má causa!

AO SR. NUNES MACHADO.

O homem, que não trilha a senda da verdade,

raras vezes deixa de precipitar-se em abysmos bem perigosos. O Sr. Nunes Machado atirou-se este anno á opposição; os motivos lá elle os sabe: mas sejam quaes forem, os discursos do nobre deputado bem deixam ver quanto sua posição é forçada. Tratando-se da aposentadoria dada pelo actual ministro da justiça a tres desembargadores, disse o Sr. Nunes Machado, que o governo se não deve guiar pela opinião publica, que nenhuma importancia deve ter nos olhos do homem sensato, pois seu fundamento é sempre uma calumnia. Sabe o Sr. deputado a consequencia, que se tira destas suas palavras? que elle é um prevaricador, um malvado, e que não deve ter assento entre os homens de bem. Não o pensamos nós; temos o Sr. Nunes Machado por magistrado recto, e homem de probidade; mas é o que se deduz de suas palavras. O Sr. Nunes Machado herdou o lugar de deputado? obteve por accesso em alguma carreira? obteve-o por exame ou concurso litterario? Nada disso: obteve-o por que a opinião publica o reputou habilitado para aquelle exercicio. Mais ou menos trabalho custaria a elle e seus amigos; mais ou menos cabala seria precisa: tudo foram meios de formar uma opinião publica, cujo fim era obter-lhe uma cadeira na camara, a que pertence. E se essa opinião fosse de ladrao, de prevaricador, de ignorante, de malvado em fim em todos os sentidos, seria eleito o Sr. Nunes Machado? Não; foi preciso estabelecer a opinião contraria. Agora diga o Sr. deputado se a opinião contraria se baseia em uma calumnia? Supponmos que o não ha de dizer, nem nós o acreditamos. E, todavia não foi isso o que disse o Sr. deputado? não é a legitima consequencia de suas palavras?

A consequencia, que queremos deduzir, é que as posições forçadas sempre trazem inconvenientes: o Sr. Nunes Machado não se veria necessitado a proclamar taes absurdos, se não se tivesse desviado do caminho da recta razão.

OUTRO OFFICIO.

Que ha deficit, isso é tão certo como tres e dous serem cinco: e não é d'agora; é muito antigo. Mas não se devem crear impostos; não se devem emittir notas nem apolices, nem bilhetes do thesouro por anticipação de renda. . . — Então como se ha de remediar o deficit? — O governo que o diga, pois que conhece os factos, e é quem mais propriamente o deve saber. — Mas o governo não o pôde dizer officialmente, por que a constituição lh'o veda; mas tem dito confidentialmente que só por esses quatro meios pôde ter dinheiro. — Então, a baixo o governo, por que ha deficit, e não deve haver augmento ou creação de impostos, nem notas, nem apolices, nem bilhetes. — Mas então o que ha de ser? — O governo que o diga, pois que o sabe; e se o não diz, a baixo o governo. —

E, deste circulo não sahimos. Outro officio, meus Senhores.

A FACÇÃO.

Diz a opposição, que o actual gabinete se apoia em uma pequenina facção, e que é repellido pela grande maioria nacional. E as provas? Com isso não se embaraça ella: e tem razão; é melhor deixar isso no tinteiro. Vejamos nós os factos. As eleições para a camara de 1838 foram feitas: sendo regente o Sr. Feijó, e ministro o Sr. Limpo e outros; eram da opposição os Srs. Honorio, Torres, Paulino e Vianna: todos quatro foram eleitos: a facção pois teve forças contra o regente e os ministros. Em 1840 fizeram-se novas eleições para a camara de 1841: eram ministros os Srs. Limpo e Andradas, que fizeram quanto puderam para que não sahisses eleitos aquelles mesmos Srs.: apesar porem de todos os esforços do gabinete, sahiram eleitos os Srs. Torres, Paulino e Vianna: a facção teve pois ainda poder para vencer o ministerio. Foi dissolvida a camara dos deputados em 1842, e procedeu-se a novas eleições: sahiram outra vez eleitos os tres, sendo delles só ministro o Sr. Paulino: o Sr. Honorio já entao era senador. Abrem-se as camaras, demitte-se o ministerio de março, e entra no poder o actual; tem grande maioria em ambas as camaras.

Será isto governar apoiado em uma facção? homens, que tem constantemente tido as honras da eleição ainda mesmo lutando contra um regente e seus ministros, e contra o primeiro ministerio da corôa em maioridade, que quando no poder tem tido maioria constante, estes homens governam apoiados em uma facção?

E aquelles, que para obterem os votos das urnas eleitoraes, carecem conquistal-as a cacete, e que logo que sobem ao poder, são derrotados na tribuna e na imprensa, esses sobre que se apoiam... Oh! esses sobre a maioria nacional: nao ha duvida, é conclusão que não falha. Ah! bom limpa candieiros, que destas consequencias nem tu tiravas.

PRESO POR TER CÃO, PRESO PELO NÃO TER.

A immoralidade é espantosa: a justiça vende-se publicamente; e o governo de braços cruzados não emprega meios para obstar esse primeiro dos males, que afflige a nação. Assim grita a opposição. Vai que faz o governo? procura obstar á immoralidade. Conhece alguns magistrados, que a opiniao publica altamente accusa, e tira-os da magistratura, deixando-lhes os seus ordenados. Novos gritos da opposição: este governo é tyranno; é peor que o da Russia, da Turquia, da Persia, Arabia, India, China, e todos quantos governos máos, ou que se suppoem máos ali vivem pelo mundo; parece que até se fallou no governo da rainha Pomaré.

E sejam lá juizes com taes mordomos. Processar não pertence ao governo, pertence aos tribunaes; é accusado o governo de não pôr cobro nos magistrados corruptos, e venaes; usa elle do unico meio, que tem á sua disposição; gritam com elle!

Custa muito a aturar povo... por não dizer outra cousa.

DO QUE USAS, DISSO CUIDAS.

Tem a lingua portugueza o rifão, que acima vai transcripto; e com effeito nada ha mais exacto; e tanto que algumas outras sentenças ha para exprimir o mesmo pensamento. Ora, o *Nacional* a cada passo está sonhando com harpias devoradoras, homens famintos de sangue... insaciaveis de poder, tyranos, monstros, facção, e ahi uma caterva de cousas, cada qual mais feia. Olhando em roda de nós, nada disso vemos. Não será occasiao de dizer — *do que usas, disso cuidas?* — Dirá o *Nacional*, que nao está no poder, nunca esteve, e nem nunca ha de estar; mas estiveram os seus amigos, e ncasos da fortuna ainda poderão vir, que lá tornem; e um amigo é outro eu.

Não; mas nós não dizemos isso, Deos nos acuda; não seria meio de conciliar o somno do collega, e não queremos incomodal-o, nem pouco nem muito. Mas se não o dizemos nós, podem dizel-o outros. Bom é sempre que o collega se lembre dessas fataes palavras — *Do que usas, disso cuidas.*

IMPOSTOS.

O Sr. Paula e Sousa não quer impostos, quer que se estabeleça a contribuição directa: é grande financeiro, não tem duvida! Mas quer a real ou a pessoal? é possível a contribuição directa pessoal, ou a capitação, que vale o mesmo? não, e elle mesmo o confessou. E a real será possível? Consiste em cada um dar uma porcentagem de seus rendimentos. É pois necessario um cadastro de rendimentos; quando poderia ser obtido? quem o havia de tirar?

Se os negocios publicos fossem objecto de gracejo, desejavamos que fosse o nobre senador encarregado de regular o meio de se chegar a obter um resultado de tal contribuição, e de dar começo á execucao dos regulamentos, que elle mesmo fizesse. Mas como os negocios publicos são cousas serias, contentar-nos-hemos com dizer ao nobre senador, que tem sua bocca, pôde dizer o que quizer.

MAIS UM VAPOR.

Chegou mais um vapor á companhia dos paquetes, de força de 140 cavallos. Este facto é importantissimo mesmo para a politica. Os acontecimentos de S. Paulo o anno passado o mostraram. O paiz vai tendo meios de poder acudir com rapidez a qualquer ponto, que o careça.

A TERRA LHE SEJA LEVE.

Assevera-se que foi morto em um encontro o celebre José Marianno de Mattos, ex-ministro da guerra de Bento Gonsalves: é noticia bastante interessante, pois era dos de mais tino entre os rebeldes. Bastantes males fez ao paiz, que o viu nascer. A terra lhe seja leve.